



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTGRS)**

520 anos das Capitanias Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaranítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

ANO 2024

Novembro

Nº 465

---

---

**ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS**  
- Academia General Rinaldo Pereira da Câmara -

**INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL**

**Tenente-General**

**VICTORINO JOSÉ CARNEIRO MONTEIRO**  
- BARÃO DE SÃO BORJA -

**O COMANDANTE DA 6ª DIVISÃO DE INFANTARIA NA GUERRA DO PARAGUAI**

General Antônio da Rocha Almeida (\*)  
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Coronel (\*\*)



Ten Gen Victorino. Fonte: Comando da 6ª DE, Porto Alegre

## 1. INTRODUÇÃO

**E**m 23 de outubro de 2024, o Comando da 6ª DE - Divisão Voluntários da Pátria, fez realizar uma homenagem ao seu primeiro comandante. A cerimônia foi realizada no Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre onde, na Quadra 4, jazigo 256, fica o mausoléu do herói.

O Ato evocou os 147 anos do falecimento do oficial-general, ocorrido em 24 de outubro de 1877 na capital do Rio Grande do Sul.

Presidiu a cerimônia o General de Divisão Júlio Cesar Palú **Baltieri**, Comandante da 6ª DE.

Estiveram presentes oficiais do Comando, historiadores civis e, com destaque, a tetraneta do Tenente-General, senhora Maria Luiza Cruz Martins.

O capelão do Comando Militar do Sul procedeu um breve ato religioso tendo, ao final, abençoado a todos os presentes.

Ao final deste texto estão as imagens do evento.

## 2. O INÍCIO DA VIDA E DA CARREIRA MILITAR

O menino que recebeu o nome de Victorino José Carneiro Monteiro nasceu na região de Recife, PE, em 20 de agosto de 1816, conforme a página da 6ª DE na Internet. Vitorino era filho do Major João Francisco Carneiro Monteiro e de Dona Izabel Rosa Carneiro Monteiro.

Arrojado, generoso e bravo, foi o Barão de São Borja um dos mais notáveis comandantes da Cavalaria Imperial.

O General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, em sua obra "Reminiscências da Campanha do Paraguai"<sup>1</sup> ao relatar-lhe a brilhante atuação no violentíssimo ataque às posições do Tayi, nos diz que

***“a Victorino, que fora oficial de cavalaria, apesar de baiano (era filho de Pernambuco) nenhum guasca levava vantagem, à frente de um regimento, dando uma carga, de espada alta”.***

Nasceu Victorino no Poço de Panelas, PE, e faleceu em Porto Alegre, capital da Província do Rio Grande do Sul, a 24 de outubro de 1877, aos 61 anos de idade.

Tendo iniciado os estudos em aula particular e depois no Liceu, ao completar 15 anos irrompia em sua vila natal, a 14 de setembro de 1831, um levante de tropas conhecido como Revolta dos Cabanos<sup>2</sup>, dirigido por Vicente Ferreira de Paula, João Timóteo de Andrade, Francisco José de Barros, Antônio Timóteo de Andrade, Manoel Joaquim de Barros e Anselmo Lucena, entre outros, contra o Presidente Desembargador Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos, mais tarde Visconde de Montserrat.

Assenhoreando-se os sublevados de parte da capital, entregaram-se ao assassinio e ao saque desenfreados. Foi quando um grupo de estudantes, do qual fazia parte Victorino Monteiro, ofereceu seus serviços ao Presidente Vasconcelos.

Quase toda a tropa de linha estava comprometida e o Coronel Bento Lamenha Lins, a quem fora confiada a missão de reprimir a desordem, teve de utilizar os voluntários civis e os corpos de milicianos. Logo no primeiro dia de luta, conseguiu o chefe imperial deter a sanha criminosa na capital, matando cerca de trezentos insurretos.

O movimento, que se alastrara pelo interior e pelas localidades vizinhas de Alagoas, teria ainda longa duração prosseguindo até 1835.

O voluntário Victorino Monteiro é ferido gravemente em um encontro noturno com os rebeldes de Timóteo de Andrade, em sua vila natal, e obtém permissão para não prosseguir na luta. Recolheu-se então à Capital da Província. A 10 de julho de 1836 recebia ele a nomeação de Amanuense<sup>3</sup> da Intendência de Polícia do Recife enquanto recuperava a saúde.

Por escolha popular, foi, então, nomeado alferes da Guarda Nacional. Destacando-se nesta instituição, foi elevado sucessivamente a tenente e a capitão em 1837.

Aberto o voluntariado para ir combater os Farrapos no Rio Grande do Sul, Victorino Monteiro apresentou-se ao Comando das Armas da Província e a 17 de novembro de 1837 seguia incorporado a um contingente de Primeira Linha para o sul do Império, a combater os gaúchos, rebelados, havia dois anos, contra a Regência.

Este contingente foi organizado com elementos do extinto 5º Batalhão de Caçadores. Por Provisão de 29 de junho de 1842, Vitorino contaria tempo de serviço desde a data do embarque (17 de novembro de 1837).

---

<sup>1</sup> CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro, General. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980 - 341 páginas.

<sup>2</sup> Ou Cabanada, revolta regencial surgida em 1832 em PE e AL contra os governos locais. Pacificação em 1835.

<sup>3</sup> Amanuense: escrevente de repartição pública, copista, burocrata (Dicionário O Globo).

Chegando ao Rio Grande do Sul, foi logo incorporado ao Exército Imperial em Operações na Província, ao mando do Marechal-de-Campo Antônio Elzeário de Miranda e Brito. Esta autoridade militar o nomeou, a 20 de agosto de 1838, Alferes do Exército de 1ª Linha, dando-lhe a função de Ajudante-de-Campo da 2ª Brigada, onde se manteve de junho até 6 de novembro de 1839. Por Decreto de 2 de dezembro do mesmo ano, foi promovido a Tenente.

Continuando nas operações, recebeu, com sua unidade, a missão de atacar e ocupar a Vila de Taquari, dali seguindo para Santo Amaro, de onde o Tenente-General Manuel Jorge Rodrigues, Comandante das Armas, dirigiria as operações. Contava, para tanto, com a tropa do Brigadeiro Bonifácio Isás Calderon, oriental a serviço do Império. Este, parte de Camaquã e, acossado pelo General farroupilha Antônio de Souza Neto, consegue transpor o Ibicuí e o Taquari, unindo-se a Manuel Jorge.

A 3 de maio de 1840 trava-se a Batalha de Taquari<sup>4</sup>, que deu ao comandante imperial o título de nobreza e as honras de Grande do Império<sup>5</sup>, e na qual Victorino se portou tão bem.

No comando do Marechal-de-Campo Conde do Rio Pardo, tomou parte, a 3 de junho de 1841, no encontro do Passo de São Borja, que lhe daria a legenda para o baronato do Império, trinta anos depois. No Banhado de Inhatium, em São Gabriel, a 22 do mesmo ano, era ferido por bala, indo tratar-se na Capital da Província.

Por Decreto de 27 de maio de 1842 foi promovido a capitão, contando antiguidade de 18 de julho de 1841. Foi, então, pelo Brigadeiro José Maria da Silva Bittencourt, Comandante das Armas, ordenado servir como Major em Comissão, junto à 2ª Brigada. Nesta função, junto ao 9º Batalhão de Caçadores, destacou-se na luta contra o sítio de Vacaria, imposto pelos farroupilhas em abril de 1843.

Segue-se, então, a partir do final de 1842, o comando glorioso do Barão de Caxias, que chama o Marechal-de-Campo Bento Manoel Ribeiro, exilado voluntariamente em Montevideú, para lutar contra os farrapos.

Reunindo os cargos de Presidente da Província e Comandante das Armas, Caxias divide o Exército em duas colunas, ficando uma sob sua imediata direção e confiando a outra a Bento Manoel Ribeiro.

A 29 de junho de 1843, o comandante-chefe, por indicação de Bento Manoel, elogiava o bravo Major Victorino pela coragem demonstrada no 9º de Caçadores. Em seguida, no mesmo mês, participou ele, positivamente, contra o cerco à tropa da 2ª Brigada no Rincão do Trilho em São Gabriel.

A 19 de março de 1844 era Victorino dispensado da comissão, continuando, até o final das operações, na coluna de Bento Manoel Ribeiro.

### 3. O CASAMENTO E A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA

A 2 de fevereiro de 1845, na Vila do Alegrete, casava o Capitão Victorino José Carneiro Monteiro com Dona Benevenuta Amália Ribeiro, nascida na mesma Vila a 27 de junho de 1825, e falecida em Porto Alegre, a 2 de fevereiro de 1890, exatamente quando transcorria o 45º aniversário do feliz consórcio.

Benevenuta era filha do Marechal-do-Exército Bento Manoel Ribeiro e de D. Maria Mâncio da Conceição Ribeiro. Teve o casal os seguintes filhos:

1. Florêncio Ribeiro Carneiro Monteiro, fazendeiro, nascido no Alegrete, a 4 de fevereiro de 1846, casado com Dona Maria José Mendes, com sucessão;
2. Antônio Ribeiro Carneiro Monteiro, funcionário de Fazenda, nascido no Alegrete, a 17 de maio de 1847, casado com Dona Adelina Severo, com sucessão;

<sup>4</sup> Diversas outras fontes registram que o resultado foi controverso. O comandante farroupilha foi Bento Gonçalves.

<sup>5</sup> 1º Barão com grandeza de Taquari. Manuel Jorge era português de nascimento (Lisboa - 23 de abril de 1777).

3. Severina Carneiro Monteiro, nascida em 18 de dezembro de 1848 no Alegrete;
4. Severino Ribeiro Carneiro Monteiro, bacharel em Direito, deputado, nascido no Alegrete a 18 de dezembro de 1849 e falecido em 1886, casado com Dona Maria Raquel Ribeiro, com sucessão;
5. Sebastião Ribeiro Carneiro Monteiro, nascido no Alegrete, a 23 de março de 1850;
6. Maria Amália Carneiro Monteiro, nascida no Alegrete, a 2 de outubro de 1853, casada com o Dr. Pedro Chermont de Miranda, com sucessão;
7. Bento Manoel Ribeiro Carneiro Monteiro, nascido em Jaguarão, a 20 de setembro de 1856 e falecido no Rio de Janeiro a 29 de agosto de 1921, Marechal graduado, bacharel em Matemática e Ciências Físicas, casado com Dona Isabel Machado, com sucessão;
8. Vitorino Ribeiro Carneiro Monteiro, nascido no Alegrete a 10 de maio de 1859 e falecido a 30 de maio de 1920 em viagem para o Rio de Janeiro, Bacharel em Direito, Deputado constituinte de 1891, senador, diplomata, presidente do Rio Grande do Sul, casado com Dona Sara Chermont, com sucessão; e
9. João Ribeiro Carneiro Monteiro, nascido em 1860, casado com Dona Adelina Severo, com sucessão.

Foram, portanto, nove filhos, sendo sete homens e duas mulheres.

Informações obtidas do site Geni: <https://www.geni.com/people/Vitorino-Jos%C3%A9-Carneiro-Monteiro-bar%C3%A3o-de-S%C3%A3o-Borja/6000000038012918685>

#### 4. A CONTINUAÇÃO DA CARREIRA

A certada<sup>6</sup> a paz do Ponche Verde entre imperiais e farroupilhas, recebia o jovem oficial, com diploma datado de 29 de janeiro de 1845, a insígnia de Cavaleiro da Ordem da Rosa, grau de Cavaleiro, pelo comportamento digno e valoroso na repressão à Guerra dos Farrapos.

Voltava a tranquilidade à Província, desmantelada administrativa e economicamente.

Victorino Monteiro, que começara a vida como simples estudante-voluntário na debelação de um movimento de rebeldia interna e sem outras habilitações científicas, já a essa altura era oficial de 1ª Linha do Imperial Exército Brasileiro onde, pelos próprios méritos e destemida bravura, atingiria os mais elevados postos, a ombrear com oficiais possuidores de todos os cursos da Academia Real Militar.

A 27 de novembro de 1846 o Comandante das Armas da Província do RS Brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho o incumbia de importante comissão em seu Quartel-General, onde permaneceu até 21 de janeiro do ano seguinte.

Foi, em seguida, mandado servir no 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, do Tenente-Coronel Manoel Luís Osorio, na época acampado junto ao Rio Pirai.

Em mais de uma oportunidade comandou ele o Regimento e foi numa dessas interinidades que ocorreu a lamentável desinteligência com o Tenente José Antônio Corrêa da Câmara, que com Victorino se insubordinou, sendo preso por 16 dias.

Victorino, tendo declarado que José Antônio dificilmente daria um bom oficial, mais tarde, ambos com os punhos bordados de oficial-general do Império, seria forçado a reconhecer-lhe os altos méritos, como um grande chefe de Cavalaria.

A 27 de agosto de 1849 Vitorino alcança a promoção a Major em Comissão.

Novas missões o aguardavam.

Em 1851, as divergências no Prata, com profunda repercussão nos interesses brasileiros de fronteira, levavam novamente o Império a uma intervenção a qual o Chefe de Estado e sua diplomacia por tanto tempo haviam procurado impedir.

Luiz Alves de Lima e Silva, Marechal-de-Campo e Conde de Caxias, novamente investido do comando militar e do governo civil do Rio Grande do Sul, marcha contra o poderio de Manuel

---

<sup>6</sup> Esta paz não foi assinada. Foi feito simplesmente um acordo entre Caxias e Canabarro e cada um em seu acampamento declarou o fim da guerra.

Ceferino Oribe y Viana, ditador uruguaio, e de Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rosas, ditador argentino.

O Major Victorino, integrando o exército expedicionário, toma parte em todas as operações dessa campanha, que, após a vergonhosa rendição de Manuel Oribe a Don Justo José de Urquiza, culminou com a estrondosa vitória do Tenente-General Manuel Marques de Souza III e de Manuel Luís Osorio na Chácara de Caseros, jogando Rosas em outra chácara distante, ao sul da Inglaterra, a de Swartkling, perto de Southampton.

A valorosa atuação nesta primeira Campanha do Uruguai valeu a Victorino Monteiro a Medalha de ouro de fita verde e a efetivação no posto de major.

Retornando ao RS e voltando a servir na Cavalaria da Província, é elevado a tenente-coronel, por merecimento a 22 de outubro de 1854, com antiguidade de 15 de julho anterior. A 2 de dezembro de 1857 era, pelo mesmo princípio, promovido a coronel. A 14 de março de 1855 recebia a Comenda da Ordem da Rosa, grau de oficial, e a 10 de abril de 1858 o oficialato da Ordem de São Bento de Avis.

Segue, em seguida, para o comando do 3º Regimento de sua Arma. À frente dele e, depois, de uma Brigada, tomou parte na 2ª Campanha do Uruguai (1864-1865) contra o ditador Athanásio Cruz Aguirre, participando dos cercos do Salto e de Paissandu.



Tenente-General Victorino. Fonte: Museu Histórico Nacional.

## 5. A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA CONTRA O DITADOR FRANCISCO SOLANO LOPEZ

**S**obrevém, então, a Campanha contra o Governo do Paraguai, em que o bravo pernambucano se encheria das glórias mais legítimas.

Logo a 18 de fevereiro de 1865 era, na Ordem da Rosa, promovido a Dignitário.

Nomeado, pelo Tratado da Tríplice Aliança, o Brigadeiro Manoel Luis Osorio para o comando-chefe do corpo de Exército Imperial em Operações, confiou ele a Victorino Monteiro o comando da 1ª Brigada e este o exerceu de 4 de março a 1º de abril de 1865 quando, pela apresentação do oficial-general a quem cabia o comando, voltou ao seu Regimento.

Assumi, depois, até o cerco de Uruguaiana, a 6ª Brigada e, com o exército aliado, prosseguiu, pelo território argentino de Corrientes, rumo ao território inimigo.

A 21 de dezembro de 1865 Osorio, acampado junto à Lagoa Brava, elogiava o Coronel Victorino Monteiro, em Ordem do Dia, pela atividade, zelo e esclarecida inteligência com que cumprira a missão de ter feito reunir ao Exército os diferentes contingentes que deveriam participar do sítio de Uruguaiana.

A 6 de janeiro de 1866, criada a 6ª Divisão de Infantaria, com praças chegadas por terra do Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, foi nomeado seu primeiro Comandante. Esta Divisão era organizada com três brigadas, todas elas constituídas de Voluntários da Pátria.

Ao final da Guerra do Paraguai a Grande Unidade foi extinta e, 80 anos depois, pelo Decreto nº 26.257-A, de 25 de janeiro de 1949 foi reativada. Pela Portaria nº 39, de 22 de dezembro de 1971, com a reorganização do Exército recebeu o nome de 6ª Divisão de Exército (6ª DE).

A Grande Unidade do III Exército (atual Comando Militar do Sul), que hoje tem aquele número, prestou recentemente justa homenagem a seu bravo primeiro Comandante, inaugurando-lhe o retrato a óleo em seu salão de honra.

A 21 de janeiro de 1866 recebia o Coronel Victorino Monteiro os bordados de Brigadeiro efetivo do Imperial Exército Brasileiro, que tanto fizera por merecer.

Passando para o território inimigo, tomou parte na Batalha do Estero Bellaco, de 2 de maio de 1866 e na 1ª Batalha de Tuiuti, de 24, lutou nas posições mais avançadas comandando a 6ª DI, que recebeu os primeiros choques da cavalaria dos coronéis paraguaios Diaz e Marcó, tendo a Divisão sustentado o centro da linha, rechaçando o inimigo.

Depois de Tuiuti, passou a integrar o Exército aliado de vanguarda, destacando-se no combate de 28 de maio e no bombardeio de 14 de junho. Prosseguindo, sempre à frente, participou de todas as operações de guerra no território inimigo em 1867.

Conforme o Barão do Rio Branco (1999, p. 261):

“**1866** - Pequeno combate junto da Laguna-Tranquera, em Tuiuti, no qual o General Victorino Monteiro repele os paraguaios”.

No ataque ao Boqueirão do Sauce (Punta Naró), a 16 de julho de 1866, juntamente com as demais divisões, tomou as posições paraguaias. Dois dias depois, o ataque aliado ao Potrero Sauce foi muito bem-sucedido com a tomada da trincheira Carapá, mas Victorino foi ferido gravemente na mão, à frente de seus batalhões, tendo de entregar o comando ao Brigadeiro Guilherme Xavier de Souza e recolher-se ao hospital de sangue. O ferimento quase o invalidou definitivamente e Dionísio Cerqueira nos diz se ter tornado proverbial a firmeza estoica com que resistiu aos dolorosos curativos.

Já de volta ao Paraguai, mesmo mutilado e muito enfraquecido, voltou à ação e, a 31 de julho de 1867, em Tuiu-cuê sua força foi a primeira que entrou em combate e a última que dele saiu. Nesta operação as forças foram comandadas diretamente pelo grande Marquês de Caxias.

A 21 de outubro seguinte, obtinha a grande vitória de Tatajibá sobre as forças paraguaias do Coronel Bernardino Caballero, o maior e mais completo chefe militar de Lopez, que comandava um destacamento composto dos Regimentos 7, 13, 23, 30 e 31, num total aproximado de 2.000 combatentes e que ali teve 503 mortos e 178 prisioneiros.

Na 2ª Batalha de Tuiuti, em 3 de novembro de 1867, quando o acampamento aliado do 2º Corpo de Exército, do Tenente-General Visconde de Porto Alegre foi atacado de surpresa pela madrugada, foram os 1.300 cavalarianos de Vitorino que praticamente decidiram a vitória brasileira.

A 11 de dezembro de 1867, o Governo Imperial promovia o Brigadeiro Victorino a Marechal-de-Campo, confiando-lhe o comando do 1º Corpo de Exército em Operações na República do Paraguai. Substituiu-o no comando de sua Divisão o Tenente-Coronel José Antônio Corrêa da Câmara.

Conforme as Efemérides da Guerra do Paraguai, do General Antônio da Rocha Almeida, em 07 de fevereiro de 1868 as tropas do Marechal Vitorino foram inspecionadas pelo Marquês de Caxias.

Em 07 de abril, Vitorino recebe a informação de Caxias dando conta de que pretende “romper o bombardeio contra Humaitá” e que a Esquadra deve tomar parte no referido bombardeio. Em seguida, a 25, Victorino recebe a ordem de Caxias para “reforçar a retaguarda e o flanco direito” das tropas então estacionadas em Pare-Cuê e Establecimiento.

Logo depois, a 1º de maio, tendo recebido ordem de Caxias para atacar as posições paraguaias de Tayi, destruiu-as completamente e fez recuar outra tropa que vinha em seu auxílio, em cinco canoas, protegida por Infantaria e Artilharia, o que lhe valeu extensa citação em Ordem do Dia.

Sentindo-se, entretanto, doente e sem que os médicos acertassem com o diagnóstico, foi-lhe permitido vir tratar-se no Brasil.

Apresentando-se a 11 de setembro de 1868 em Porto Alegre, ao Comandante das Armas da Província, Marechal-de-Campo Guilherme Xavier de Souza, já a 29 de junho seguinte declarava desistir do restante da licença, para voltar ao teatro da luta.

Já estava à frente do Exército Imperial em Operações o Marechal Gastão D’Orleans - Conde d’Eu, a quem o Marechal Victorino se apresentou, no acampamento de Piraju, a 12 de julho de 1869.

A 12 de agosto travava-se a sangrenta Batalha de Peribebeú, na qual perdemos o jovem e valoroso Brigadeiro João Manoel Menna Barreto.

O 2º Corpo de Exército fracionou-se em três colunas: a da direita, comandada diretamente pelo Príncipe e as da esquerda e do centro às ordens do Marechal Victorino Monteiro.

Brilhante vitória obteve o Exército Imperial nessa batalha.

Conforme Laurênio Lago (1942, p. 26)

“Em Ordem do Dia do Comando-em-Chefe do Exército de 14 de novembro de 1869, foi publicado ter o dito Corpo de Exército avançado sobre a Praça de Peribebeú a 11 de agosto do dito ano, com intrepidez que há muito o distingue, não só se limitou a simular um ataque mas carregou com a força que se achava às suas ordens sobre o lado trincheira que lhe ficava em frente, por onde os defensores da praça procuraram evadir-se, derrotou-os, ficando em nosso poder a praça, os depósitos, de víveres, diferentes objetos de prata, numerário de diversos países, uma soma de papel moeda do Brasil e outras coisas. Na tarde do dia 15 do mesmo mês de agosto, logo ao receber a ordem de contra-marcha expedida pelo General-em-Chefe, com o 2º Corpo de Exército do seu interino comando (Vitorino), executou o movimento conveniente com uma prontidão pela qual lhe cabem os mais subidos louvores, pois dela dependeu, em grande parte, o completo destroço que na batalha dada no dia 16 do referido mês de agosto em Nhu-Guassu ou Campo Grande, as armas brasileiras infligiram ao ditador fugitivo”. (abaixo).

Entretanto, depois de decidida a ação e sepultado Menna Barreto junto ao altar-mor da matriz da vila, a falta de reconhecimento e de contato com o inimigo em retirada permitiu que Solano Lopez abandonasse seu refúgio em Caacupé, no Ascurra e se retirasse para o norte da República, garantida a retaguarda pelos 5.000 lanceiros do General Bernardino Caballero.

Essa falha - da qual o Marechal Comandante-chefe se penitenciaria em ofício ao Ministro Muritiba - foi amplamente recompensada pela luzente vitória de Campo Grande, a 16 de agosto, graças a uma pronta decisão de Sua Alteza sob a impressão da retirada do ditador, mas principalmente à rápida manobra dos esquadrões de Victorino Monteiro, que cortaram a retirada paraguaia pela estrada de Barreiro Grande.

Esse serviço, que poucos historiadores e professores de História salientam e ao qual nenhum de seus raros biógrafos se refere, foi talvez o maior de todos os prestados pelo bravo futuro Barão de São Borja na Campanha de 1864 a 1870. Ele realmente salvou o Exército!

A 16, como vimos, feria-se a não menos importante Batalha de Campo Grande. Nela, a atuação do 2º Corpo foi, também, decisiva e os clavineiros de Victorino Monteiro limparam o terreno de tropas inimigas em extensão de mais de duas léguas, indo acampar em Pindoti, com a missão de guarnecer a picada que dá passagem para Caraguati.



A 18 de agosto de 1869 obtinha a tropa de Victorino Monteiro a grande vitória de Caguijuru, sobre a valorosa tropa do Tenente-Coronel Vernal, de efetivo superior a 200 combatentes. As glórias dessa importante jornada devem ser distribuídas entre os dois maiores chefes da Cavalaria aliada: Vitorino e Câmara. Assim foi elogiado pelo Comando em Ordem do Dia:

“Cumpro um dever fazendo novamente especial menção do Exmo. Sr. Marechal de Campo Victorino José Carneiro Monteiro o qual, como comandante de Corpo de Exército, pelo seu valor, atividade e perícia, mais poderosamente concorreu para os resultados conquistados”.

A seguir, Sua Alteza entrega-lhe o comando de todas as forças ao norte do Rio Manduvirá. Assumindo o comando, Victorino Monteiro procurou fazer com que nada faltasse à Divisão Corrêa da Câmara, em perseguição próxima ao Ditador.

A 1º de março de 1870, às margens do Aquidabangui, tinha fim a luta de cinco anos, com a morte de Lopez, na ação pronta e rápida do futuro Visconde de Pelotas.

Em 18 de março, o Marechal Conde D'Eu dirige-se ao QG do Marechal Victorino para uma conferência em função do final das operações. No dia seguinte o Conde, autorizado pelo Ministro da Guerra Barão de Muritiba, deu por encerradas as operações no Teatro do Paraguai.

Passa, então, Sua Alteza, o comando das forças brasileiras para o Marechal Vitorino

Ao deixar o comando-chefe do Exército em Operações na República do Paraguai, diria o Príncipe Gastão d'Orléans, em sua derradeira Ordem do Dia:

"Se fôsse lícito repartir com outros a glória que pertence aos triunfadores de Cêrro-Corá, a maior parte deveria, depois deles, tocar ao Exm.<sup>o</sup> Sr. Marechal-de-Campo Victorino José Carneiro Monteiro, Comandante das Forças ao Norte do Rio Manduvirá, a cujo zelo pelo serviço e incansáveis providências se deve terem aquelas forças podido desempenhar a custosa tarefa, sem que, por um momento, lhes faltassem o sustento e os meios imprescindíveis de mobilidade".

Regressando ao Brasil recebia, mediante Decreto de 18 de maio de 1870, o título nobiliárquico de Barão de São Borja, Primeiro e Único.

Assim reza o Anuário do Museu Imperial - Petrópolis, 1945, p. 46:

*“Decreto concedendo o título de barão de S. Borja ao marechal-de-campo Vitorino José Carvalho Monteiro, por serviços na Guerra do Paraguai”. Referendado por José Joaquim Fernandes Torres. Palácio do Rio de Janeiro, 11 de março de 1868. (Ano 1945, Vol. 6, p. 46).*

Ao chegar em casa, ocorreu um fato interessante, que vale recordar, por ser de poucos conhecido.

Dona Benevenuta disse-lhe, logo depois de abraçá-lo, que fizera uma promessa, ao saber de seu ferimento na Batalha do Potrero Sauce, de oferecer uma mão de ouro para a Igreja de N<sup>a</sup>. Sra. do Rosário.

- Mas, minha velha, isso sai muito caro! teriam sido as palavras de Victorino Monteiro, que acrescentou:

- Não poderás deixar mais barato, mandando fazer a mão só coberta de uma casquinha de ouro?

Dona Venuta concordou e assim foi cumprida a promessa, já que o chefe da família é quem geria os bens e dirigia as despesas da casa.

Em 22 de maio de 1870, mediante Decreto desta data, o Marechal foi agraciado com a mercê do foro de fidalgo cavaleiro da Casa Imperial, nobre distinção.



**Dona Benevenuta, Baronesa de São Borja. Fonte: Arquivo Nacional**

A 6 de setembro de 1870 o Ministro da Guerra, Barão de Muritiba, escolhia-o para comandar as Armas em sua Província natal, de onde partira havia mais de 30 anos.

Seguiu com a família para a Capital da Província de PE e em Recife permaneceu até 18 de fevereiro de 1871, quando voltou ao Rio Grande do Sul, por ter sido nomeado para igual função nesta Província, onde se radicara e haviam nascido todos os seus filhos.

Conforme BENTO, FIGUEIREDO, 1980, p. 86

“Logo em seguida, assumiu o comando das Armas da Província do Rio Grande do Sul (atual 3ª RM), à cuja frente bateu recorde de permanência contínua (5 anos e 4 dias, de 15 Abr 1871 a 19 Abr 1876), tendo enfrentado a revolta dos Muckers do Ferrabraz em São Leopoldo, em 1874, episódio que abordamos na História da 3ª RM, v. 1”.

Muito benquisto na capital e no interior era, além disso, dos mais prestigiados chefes do Partido Conservador.

Assumiu o Barão o Comando das Armas no Quartel-General de Porto Alegre a 15 de abril de 1871, recebendo-o das mãos do Coronel Luís José Pereira de Carvalho, mais tarde Barão de São Sepé.

Exerceu-o até 19 de abril de 1877, sendo substituído pelo Marechal-de-Campo José Auto da Silva Guimarães, Barão de Jaguarão.

A 27 de junho seguinte recebia a patente de Tenente-General.

Pouco sobreviveria, já que sofria de grave lesão cardíaca, que o retinha ao leito e lhe roubaria a vida em menos de quatro meses. Nos primeiros dias de outubro piorou muito.

Foi chamado, do Rio de Janeiro, seu filho, Deputado Dr. Severino Ribeiro Carneiro Monteiro, que não chegou a ver com vida o pai extremoso.

Na noite de 5 seu estado agravou-se, ao saber do assassinio, em Uruguaiana, de seu cunhado e grande amigo Coronel Felício Ribeiro.

Às 5 horas da manhã de 24 de outubro de 1877 extinguiu-se o grande Soldado do Império, homem justo e bom, leal a seus companheiros, excelente chefe de família, sob cuja proteção viviam pobres e necessitados. E eram todos os que a ele recorriam.

O Tenente-General Barão de São Borja foi sepultado na catacumba nº 256 do quadro 4º do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, tendo uma bateria de Artilharia dado os 17 disparos de estilo.

Nesta ocasião o Cadete Fernando Setembrino de Carvalho, depois Marechal da República, empunhava, pela primeira vez, um fuzil, como se lê em suas "Memórias".

Encomendou o corpo o Arcediago<sup>7</sup> Cônego Vicente Dias Lopes, tendo falado no cemitério os Drs. Eduardo Jayme de Araújo e Alexandre Moura.

Mesmo os adversários, como Carlos von Koseritz, prantearam a perda irreparável para a Pátria.

Era o Barão de São Borja Cavaleiro-Fidalgo da Casa Imperial, Grande Dignitário da Ordem da Rosa, Dignitário da Ordem Imperial do Cruzeiro, Comendador de Avis e condecorado com as Medalhas da Campanha do Uruguai de 1851-1852 e da de 1864-1865, de Mérito Militar e Geral da Campanha do Paraguai, com passador número 4, de ouro.

Encanta e consola ler-se os jornais da época, tarjados de negro, em que se registrava a lamentável perda para o Rio Grande e o Brasil, do grande filho, vindo de outra Província e que tanto enobreceu este recanto da Pátria, aqui deixando a uma grande descendência a herança admirável de um nome ilustre e honrado.

Honra-lhe o nome o 72º Batalhão de Infantaria Motorizado, sediado em Petrolina, PE, com a Denominação Histórica: **Batalhão General Victorino Carneiro Monteiro**.

## 6. OUTRAS INFORMAÇÕES

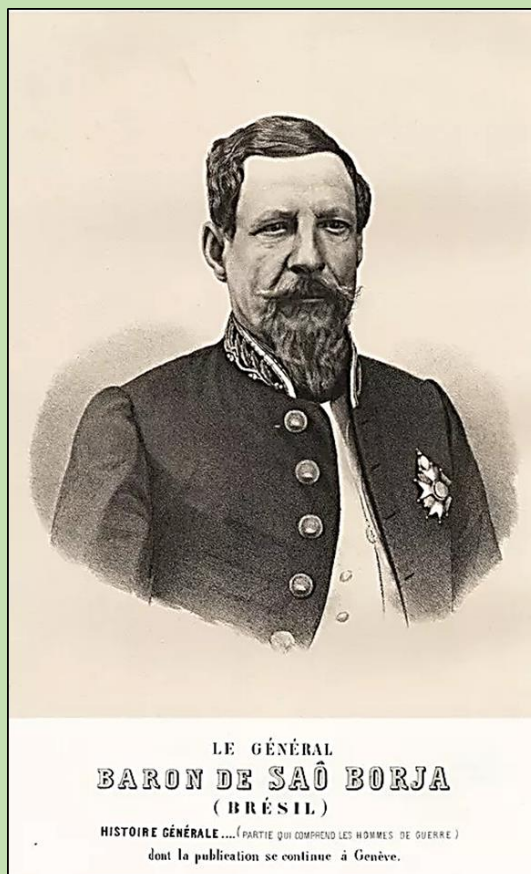
A espada de seu filho e neto do General Bento Manoel Ribeiro foi doada à AMAN pelo seu último usuário, o General de Exército João Bina Machado, que encarregou o Coronel Cláudio Moreira Bento da entrega solene da mesma em formatura geral da Academia Militar das Agulhas Negras no comando do General Rubem Augusto Taveira (Bento, Figueiredo, 2001, p. 87).

Ao Tenente-General Victorino se deve a posse pelo Exército, desde quando ele comandava a 3ª RM, do atual Campo de Instrução Barão de São Borja, em Rosário do Sul, por ele haver contestado a posse, pela Província, dos Campos de Saicã, palco de memoráveis exercícios militares, que estão registrados no volume 2 da História da 3ª RM às páginas 324/346, com 13 ilustrações (Idem).

O Histórico do Campo de Instrução Barão de São Borja, que honra o nome do Tenente-General Victorino segue abaixo, após a imagem do herói.

---

<sup>7</sup> Dignitário eclesiástico que recebe do bispo certos poderes junto dos párocos, curas, abades etc. de uma diocese.



## Histórico da Organização Militar Campo de Instrução Barão de São Borja (CIBSB):

(Fonte: <https://www.camararosariodosul.rs.gov.br/imprensa/noticias/0/1/0/1145>)

**1814:** o Capitão Francisco Borja de Almeida Corte Real, pede ao Governador da Província de São Pedro, Dom Diogo de Souza, a concessão de terras de sesmaria do Rincão de Saycan, não chegando, entretanto, a concluí-lo.

**1870:** são trazidos para a região cerca de 35.000 cavalos, remanescentes do Exército em Operações na Guerra do Paraguai.

**1872:** Vitorino José Carneiro Monteiro, o Barão de São Borja, dirige carta ao Presidente da Província de São Pedro, contestando a posse do Rincão de Saycan pela referida Província, e solicitando uma Administração Militar na área.

**1873:** é instalada uma administração militar no Rincão de Saycan, que passa a se chamar Fazenda Nacional de Saycã, e nomeado como Comandante o Tenente Serafim Machado da Rocha, que traz para o serviço 40 clavineiros e 40 lanceiros.

**1878:** por ordem do Ministro da Guerra Marechal Manoel Luís Osorio, os campos são cercados por fortes aramados e expulsos todos os intrusos da área.

**1898:** chega o primeiro médico veterinário, o Dr. Antônio Rodrigues Paim.

**1922:** é criada a Coudelaria Nacional de Saicã, visando o ressurgimento da produção equina.

**1951:** o Decreto nº 29.915, de 24 de agosto, transforma a então Coudelaria Nacional de Saicã em Campo de Instrução do Exército, recebendo a atual denominação Campo de Instrução Barão de São Borja (CIBSB).

**1960:** o CIBSB passa à subordinação da 3ª Região Militar, permanecendo até os dias atuais.

## Referências

BENTO, Cláudio Moreira; FIGUEIREDO, Osório Santana. 6ª Divisão de Exército - Divisão Voluntários da Pátria (5 décadas de história). Porto Alegre: Pallotti, 2001.

LAGO, Laurênio. Os Generais do Exército Brasileiro de 1860 a 1889, 3º volume. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar vol. LIX, Imprensa Militar, 1942.

RIO BRANCO, Barão do. Efemérides Brasileiras. Brasília: Senado Federal, 1999.

ROCHA ALMEIDA, Antônio, General. Vultos da Pátria, volume III. Porto Alegre: Globo, 1965.

\_\_\_\_\_, Antônio, General. Efemérides dos principais fatos relacionados com a campanha do Paraguai. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1965.

[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Bar%C3%A3o\\_de\\_S%C3%A3o\\_Borja](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Bar%C3%A3o_de_S%C3%A3o_Borja)

## OUTRAS IMAGENS



**Mausoléu do Marechal Vitorino no Cemitério da Santa Casa em Porto Alegre. Fonte: arquivo do autor.**



Placa colocada junto ao túmulo. Fonte: arquivo do autor.



Foto junto ao túmulo. Fonte: Arquivo do autor.

**Imagens da solenidade**  
**Fonte: Comando da 6ª DE**



**Leitura do Alusivo ao Marechal Vitorino.**



Descerramento da placa.



Toque de silêncio.

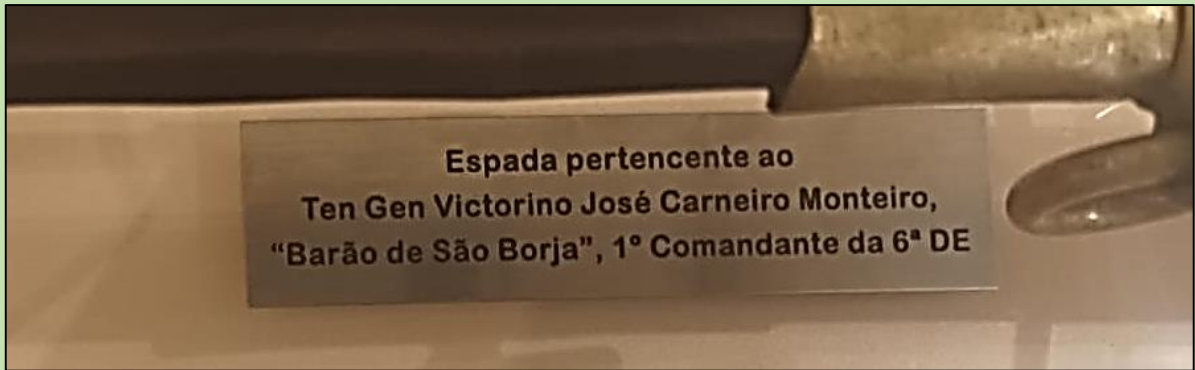
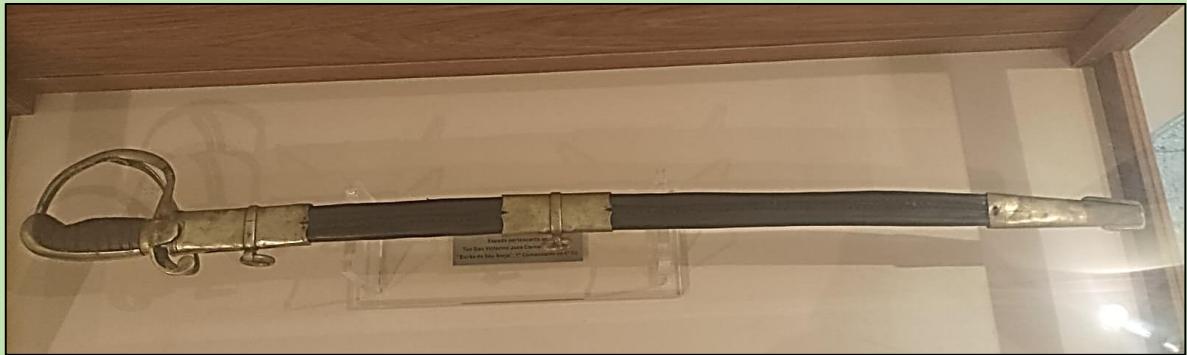




Oração, realizada pelo Capelão do CMS.



Palavras do Comandante da 6ª DE, Gen Baltieri.



Espada do Tenente-General Victorino e respectiva plaqueta, em exposição no saguão do Comando da 6ª DE. Espada doada à Grande-Unidade por um acadêmico da AHIMTB/RS que, por sua vez, a recebeu da tetraneta do herói.  
Fonte: Comando da 6ª DE.



Imagem do Tenente-General Victorino em pintura a óleo de autoria do Artista Plástico Coronel de Cavalaria Veterano Pedro Paulo Cantalice Estigarribia. Fonte: Comando da 6ª DE.



Justamente por isso, cabe lembrar o exemplo de força moral e consequente expressão política, legados pelo Duque de Caxias, o Marechal Pacificador, na sua gloriosa carreira militar, crucial para os destinos do Império e imperecível na memória das gerações futuras.

Vale aqui resgatar o homem, as circunstâncias históricas e as lições expressadas no exercício do comando.

## A Guerra do Paraguai

**N**o natal de 1864, o Brasil sofreu violenta agressão, com a invasão do território por forças Paraguaianas ordenada pelo ditador Solano Lopez.

A tragédia maior ocorreu na província de Mato Grosso - vitimada por uma cruzada de violência, saques, estupros e brutais execuções. A Argentina também foi invadida, com inusitada violência, pois Solano Lopez visava atingir o Uruguai, que acabava de livrar-se de uma guerra civil por ele incitada, visando dar apoio a seus aliados. Daí a causa da Tríplice Aliança, costurada para pacificar a região e sopesar o expansionismo do dirigente paraguaio.

O avanço militar paraguaio foi surpreendente, tanto que as forças aliadas, improvisadas após a surpresa fatal, só conseguiram operar uma reação em abril de 1866, e sem grande êxito, dado o desconhecimento do terreno - um verdadeiro atoleiro - o melhor preparo das tropas paraguaianas e as enormes dificuldades de abastecimento naquela região remota.

O Brasil, duramente atingido, face ao fracasso da reação inicial, com seu povo e a Corte apelidados por Solano Lopez de "macaquitos", foi obrigado a digerir uma crise política originada no gabinete do Imperador.

Em outubro de 1866, o Partido Conservador, então na oposição, responsabilizava o Partido Liberal, no poder, pelos rumos incertos do conflito, após o desastre ocorrido na Batalha de Curupaiti. Neste contexto, o General Luís Alves de Lima e Silva, que também era Senador pelo Partido Conservador e um reputado comandante pacificador, foi instado e aceitou o comando das tropas do Império.

Lima e Silva lutou na Guerra da Independência, na Província Cisplatina, na defesa do Império face às rebeliões e na Guerra da Confederação contra a Argentina, em 1851. Foi instrutor militar do jovem Imperador Pedro II e já presidira o próprio Conselho de Estado. Era, portanto, um militar sexagenário e muito respeitado.

Conservador a serviço de liberais, Lima e Silva sobrepôs o interesse da pátria às próprias preferências partidárias, ao aceitar o arriscado comando das operações no Paraguai, naquela conjuntura.

Contrariamente ao ímpeto propagandístico, ciente do estado lastimável em que as forças aliadas se encontravam no teatro de operações - atoladas no lamaçal do charco e carentes de suprimentos, o General Lima e Silva procedeu à grande transformação da força terrestre, de uma tropa de convocados da Guarda Nacional e "voluntários da pátria" em quase completa desordem, para um Exército operacional.

Com o propósito de impor a camaradagem, a lealdade, a disciplina, o compromisso e a fidelidade à missão, o velho general literalmente organizou a intendência, a logística, o abastecimento, os uniformes, a comunicação e as unidades de comando.

Em um ano e quatro meses de trabalho leal, Lima e Silva restabeleceu a higidez e o moral da tropa e, em 1867, assumiu o comando geral das forças aliadas no teatro de operações.

## O dever vence a intriga

**E**ssa trajetória de Lima e Silva não ocorreu de forma pacífica. Em que pese respeitado no campo de batalha, o grande general viu-se enredado em intrigas no gabinete e objeto de reportagens difamatórias numa imprensa majoritariamente liberal,

que nem sempre estava a serviço da verdade (e que, no entanto, durante o Império de Pedro II, sempre atuou com plena liberdade).

Sua atividade irretorquível, sob um governo que lhe era hostil, por óbvio contrariou interesses e gerou ciúmes. De tal modo que lhe faltou o apoio necessário do gabinete, além da quebra do respeito que lhe era devido como comandante-em-chefe no próprio Ministério da Guerra.

Nesta circunstância, destaca-se a dignidade do soldado, honrando o Comando que lhe foi confiado. Cercado por intrigas palacianas - dignas do fisiologismo corrente nos áulicos da Capital, o futuro Duque de Caxias foi peremptório, ao declarar em bom tom: “Com este ministro, eu não fico!”

O ultimato ecoou no Conselho de Estado do Império, onde o voto de minerva de Nabuco de Araújo expressou o dilema liberal: “É um funesto precedente para o sistema representativo a demissão do ministério por imposição de um general”.

O Conselho de Estado era o órgão que aconselhava o Imperador em questões relacionadas ao Poder Moderador e ao Poder Executivo. O chefe de Estado precisava da aprovação do Conselho para declarar guerra, negociar a paz e nomear senadores. Nabuco de Araújo foi uma das principais lideranças do Partido Liberal e integrante ativo do Conselho.

Lima e Silva estava respaldado pelos fatos, e o gabinete não teria forças para afastá-lo do comando sem sucumbir à impopularidade, à desestruturação de uma força terrestre pujante que ombreava com a Armada nacional e, por consequência, à fatalidade do prolongamento da própria guerra.

Submetido o caso ao Imperador, prevaleceu o discernimento do estadista. Dom Pedro II demitiu todo o gabinete Zacarias de Góes, a 17 de julho de 1868, e deu posse ao gabinete conservador do Visconde de Itaboraá.

Prestigiado, o General Lima e Silva prosseguiu na missão e decidiu a guerra.

## Saber dizer não

**D**errotado o Paraguai em 1869, com a capital, Assunção, ocupada pelas forças brasileiras, o velho General compreendeu que sua missão estava encerrada. Nos termos doutrinários de Clausewitz, o inimigo estava “desarmado”.

No entanto, o governo havia decidido que não celebraria a paz enquanto o ditador Solano López permanecesse livre - razão pela qual a perseguição prosseguiu até a morte do dirigente paraguaio, em março de 1870.

Aqui vem mais uma lição de dignidade moral. O já Marechal Lima e Silva, então ordenado Marquês de Caxias, pela graça do Imperador, compreendeu que a vitória estava consumada, sendo o prosseguimento uma caçada policial, incompatível com a natureza de uma missão militar.

Preferiu, assim, a dignidade da missão às honrarias do comando e declinou do cargo. Embora o Imperador não tenha concordado com a sua exoneração, ele passou o comando assim mesmo e regressou ao Brasil. Na chegada ao porto do Rio de Janeiro, aguardava-o tão somente a própria esposa, a Marquesa de Caxias.

Terminado o confronto, Lima e Silva foi ordenado Duque de Caxias, o único brasileiro a possuir esse título de nobreza na história do Império.

## Um exemplo

**N**isto se resume o simbolismo de Caxias, arquetípico da vocação do militar brasileiro, fazendo evocar o juramento de sacrifício das próprias conveniências em prol da dignidade da sua missão.

Que sirva a lembrança de Caxias de inspiração aos verdadeiros soldados, honrando a farda que vestem, nesta e nas futuras gerações.

## OPERAÇÃO CONDOR (1)

Esta operação, como contada pela esquerda, é uma versão factóide da história do combate à luta armada na América Latina, que uniu vários governos contra uma grave ameaça comum, a partir de novembro de 1975. O nome mais apropriado seria Operação Condor Azul, pois houve também, de fato, a Operação Condor Vermelha integrando a esquerda revolucionária de vários países do Continente.

Em 1974 foi fundada em Paris a Junta de Coordenação Revolucionária "integrada pelo Exército de Libertação Nacional (ELN) da Bolívia, Exército Revolucionário do Povo (ERP) da Argentina, Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros (MLN-T) do Uruguai e o Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR) do Chile.

O secretário da Junta era Fernando Álvarez, da central de inteligência cubana [-]. O MIR assim se referiu à criação da Junta:

*No campo internacional nosso partido redobrá a coordenação e trabalho conjunto [e] lutará para fortalecer e acelerar o processo de coordenação da esquerda revolucionária latino-americana e mundial [-]. Chamamos a todas as organizações e movimentos irmãos a redobrar a luta em seus próprios países, a fortalecer e ampliar a Junta Coordenadora do Cone Sul" (ver Referência).*

E ainda havia a OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade), centrada em Cuba, que exportava a revolução marxista para toda a América Latina. Foi criada em 1966 em Havana, na Conferência Tricontinental, por consenso de todas as delegações presentes.

Como se verifica acima, não foram os governos que se uniram primeiro, mas sim os grupos armados da violenta e criminoso esquerda marxista revolucionária, cujo propósito era implantar ditaduras totalitárias no continente.

Seu apoio, orientação e preparação de quadros vinham das matrizes marxistas totalitárias em Moscou, Havana, Europa Oriental e Pequim. Sobre as ações ilegais, violentas e criminosas da Operação Condor Vermelha a esquerda hipócrita se cala.

No Brasil, se houve violações de DH de ambos os lados, todos os envolvidos estão anistiados e seus crimes prescritos, tendo o STF reconfirmado a anistia de 1979 em 2010.

Diante de ameaças comuns de qualquer natureza os órgãos de Segurança e ou de Defesa dos países afetados coordenam inteligência e operações. Nada de ilegal nisso. No artigo citado como fonte básica deste texto, é destacada uma atuação conjunta e transterritorial dos governos e de agências de inteligência e operações da França e da Espanha na repressão ao terrorismo da ETA, organização revolucionária do chamado país basco.

No Brasil, "se a orientação e o apoio das guerrilhas de esquerda vinham da Rússia, China e Cuba - enfim, era um movimento internacional integrado - o que há de estranho no fato de os países do Cone Sul reunirem-se para se defender, já que todos eram atingidos?" (General de Exército Leônidas Pires Gonçalves - História Oral do Exército/1964, Tomo 1, pg. 92).

(1) General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva (26 de outubro de 2024). (1) A fonte básica desse texto é o artigo "Operação Condor", de Carlos Ilich Santos Azambuja - <https://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cat=Ensaio&cod=68457>

\*\*\*\*\*

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano Presidente da AHIMTB/RS ([lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com)). Sites: [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br) - Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br); Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nuclev.com](http://www.nuclev.com); Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia Heróis de Guararapes: <http://historiapatriota.blogspot.com>